Dia 2 — São Simplício, Papa

Foi italiano São Simplício, natural de Tibur, hoje Tivoli, na Campânia de Roma. Seu pai, chamado Castino, era de uma família em que pareciam hereditárias a bondade e o zelo pela religião. Foi Simplício criado com o maior desvelo, tanto no santo temor de Deus como no estudo das ciências. A solidez de seu engenho, a doçura de seu natural, sua inclinação à virtude e seu amor às letras, diz o autor veneziano das vidas dos papas, acreditaram sua boa educação e fizeram dele o jovem mais cabal de seu tempo e o ornamento de todo o clero romano.

Foi admitido nele com aplauso universal; e o que já se distinguia pela exemplar regularidade de seus costumes e por sua piedade sobressalente não se distinguiu menos por sua grande sabedoria. Não só foi a admiração de todo o clero, mas bem depressa foi uma de suas mais brilhantes luminárias. Quase não se falava em Roma de outra coisa que do raro mérito de nosso santo quando veio a ficar vaga a santa sé pela morte de São Hilário. Houve pouco que deliberar na eleição, porque Simplício foi elevado a esta suprema dignidade por unânime consentimento e consagrado no dia cinco de março de quatrocentos e sessenta e sete; e soube logo toda a cristandade que não era fácil haver eleito para suprema cabeça da Igreja quem melhor merecesse sê-lo.

Na verdade, se em algum tempo teve necessidade a santa Igreja de um pastor zeloso e vigilante, de um papa santo e sábio, de uma cabeça visível que fosse capaz de opor-se com vigor aos maiores esforços da heresia, foi naquele tempo de calamidade em que o erro, sustentado pelo poder secular, parecia haver inundado, à guisa de impetuosa torrente, todo o mundo cristão, sem que mal se deixasse ver já um príncipe católico.

Odoacro, que se havia feito senhor da Itália, era ariano. Os vândalos, que reinavam na África, como os godos na Espanha e nas Gálias, jaziam profundamente submergidos nos mesmos erros. Os príncipes ingleses e franceses estavam ainda nas trevas do paganismo. O imperador Zenão e Basilisco, tirano do Oriente, favoreciam de cara descoberta os eutiquianos, e a ambição dos patriarcas causava ainda maiores estragos que o furor da heresia. Tal era o lamentável estado da Igreja por todo o universo quando Simplício subiu à santa cadeira.

Aplicou a primeira atenção de seu desvelo a fazer reflorescer no clero a pureza de costumes, a fazer eterna guerra ao erro e a reprimir com valorosa firmeza a ambição inquieta dos que perturbavam a Igreja.

Pretendendo Acácio, patriarca de Constantinopla, elevar sua sede sobre a de Alexandria e Antioquia, encontrou em nosso santo uma resistência tão vigorosa e tão firme que conheceu bem que, com tal pontífice, não havia que pensar em empreender coisa alguma contra os antigos cânones.

Timóteo Eluro, autor da morte do santo patriarca Proterio e usurpador de sua sede, valeu-se em vão do artifício, da solicitação e da violência; sempre achou neste grande pontífice uma muralha inconquistável da casa do Senhor.

Pedro, o Pisoeiro, outro herege intruso na sede antioquena, experimentou a vigorosa firmeza de nosso santo nas duas vezes que quis usurpar aquela cadeira patriarcal.

Pedro Mongo, isto é, o Gago, patrocinado pelo patriarca Acácio e pela facção de outros bispos hereges, fez-se consagrar bispo de Alexandria. Sabendo São Simplício que o imperador Zenão protegia também este cismático usurpador, escreveu àquele príncipe, com muito respeito, é verdade, mas com muita inteireza, e defendeu até o último empenho a canônica eleição de João de Tabenas, homem muito católico e de bons costumes.

Não é possível explicar o zelo e a atenção com que este santo pastor velava sobre todo o rebanho que estava a seu cargo; nem foram somente os inimigos da Igreja no Oriente os que experimentaram as sempre vitoriosas forças de seu valoroso zelo. Poucas igrejas se contaram, tanto na África como no Ocidente, aonde não alcançassem as solicitudes de seu desvelo e de sua vigilância pastoral.

Como o império do arianismo se havia dilatado por todas as partes, a todas as partes acudia também o cuidado do vigilantíssimo pastor, atento sempre a manter os fiéis na verdadeira fé. Ensinava-os com suas instruções, socorria-os com suas esmolas, consolava-os com suas cartas; e, o que é mais admirável, em meio a esta universalidade de cuidados e de trabalhos apostólicos, achava tempo o santo papa para descer a tais minúcias em matéria de disciplina eclesiástica, e especialmente à reforma de costumes no clero, que parecia não ter a seu cargo mais igreja que a de Roma.

Correspondia à eminência de sua virtude o rigor penitente de sua vida. Poucos religiosos se encontrariam nos claustros, e poucos solitários nos desertos, que se exercitassem com mais dureza nos rigores da penitência.

Por este tempo, tendo chegado a seu conhecimento que muitos bispos do Oriente favoreciam descobertamente o eutiquismo, convocou um concílio em Roma, no qual fulminou excomunhão contra Êutiques, contra Dióscoro de Alexandria e contra Timóteo Eluro. Fez que o imperador Zenão anulasse os editos que Basilisco havia promulgado contra a religião católica e que expulsasse de Antioquia a Pedro, o Pisoeiro, e a outros sete ou oito bispos eutiquianos que perturbavam a paz da Igreja.

Atento sempre às necessidades de seu rebanho, escreveu São Simplício uma bela carta ao imperador Basilisco, exortando-o a que, à imitação dos imperadores Marciano e Leão, sob cujo amparo havia sido criado, defendesse com todo o seu poder a autoridade do concílio de Calcedônia.

Além destas epístolas, escreveu uma a Zenão, bispo de Sevilha, pela qual, informado do infatigável e generoso zelo daquele virtuoso prelado, o nomeia seu vigário geral em toda a Espanha, para que vele nela pela observância dos sagrados cânones. Também escreveu a João, bispo de Ravena, no

ano 482, repreendendo-o severamente porque por inveja havia consagrado bispo a um tal Gregório, com violência e contra sua vontade. Quem abusa de seu poder, diz Simplício, merece perdê-lo; e assim vos notificamos que, se no futuro ousardes ordenar alguém, seja de bispo, seja de presbítero, seja de diácono, resistindo ele e repugnando, ser-vos-á retirado o fazer as ordenações da igreja de Ravena ou da província de Emília.

Outra epístola temos de nosso insigne pontífice, escrita no ano 465 e dirigida a Florêncio e a Severo, bispo, na qual lhes diz o seguinte: Por vossa relação temos entendido que Gaudêncio, bispo de Aufínio, celebrou algumas ordens ilícitas; por isso o privamos inteiramente de jurisdição para ordenar de agora em diante, e mandamos a nosso irmão o bispo Severo que exercite esta função na dita igreja quando houver necessidade; de sorte que os que se acharem ordenados por Gaudêncio contra o disposto pelos sagrados cânones sejam privados do exercício das ordens. A Gaudêncio só se lhe dará a quarta parte das rendas da igreja e das ofertas dos fiéis de que tão mal usou. Das outras três partes, duas serão empregadas na fábrica da igreja, em socorrer os pobres e peregrinos, encarregando-se sua administração ao presbítero Onágrio, com pena de deposição se abusar dela. A outra parte será repartida entre os clérigos à proporção do mérito de cada um. Encarrega-se muito à diligência de Severo que procure recobrar os vasos sagrados que foram alienados e que force Gaudêncio a que lhe entregue as três partes das rendas que houver percebido nos três últimos anos. Esta individualidade e estas minúcias em ponto de disciplina, a que desce Simplício em suas epístolas, acreditam mais que tudo a vasta compreensão de seu zelo e de sua vigilância pastoral.

Tantos trabalhos e apostólicas fadigas consumiram enfim a saúde de nosso santo, que, repleto de méritos e de glória por tantos triunfos como havia conseguido da heresia, morreu em Roma no dia 10 de fevereiro do ano 483, depois de haver governado santamente a Igreja por espaço de doze anos. Deixou várias ordenações utilíssimas; entre outras, a distribuição dos bens e rendas da Igreja em quatro partes: a primeira para o bispo, a segunda para os clérigos, a terceira para as fábricas e a quarta para os pobres. Instituiu o cargo dos sacerdotes semaneiros para a administração do batismo e da penitência nas igrejas de São Pedro, São Paulo e São Lourenço. Foi sepultado no dia 2 de março, em que celebra sua festa o martirológio, e conservam-se suas preciosas relíquias em Tivoli com muita veneração, experimentando cada dia os povos milagrosos efeitos do crédito que alcança com Deus a intercessão deste santo pontífice.

Martirológio Romano

Em Roma, na via Latina, os santos Jovino e Basileu, que sofreram martírio no tempo dos imperadores Valeriano e Galieno.

Também em Roma, a comemoração de muitos santos mártires que, sendo imperador Alexandre e prefeito Ulpiano, depois de muitos tormentos foram por fim condenados a perder a cabeça.

Em Porto, os santos mártires Paulo, Heráclio, Secundila e Januária.

Em Cesareia da Capadócia, os santos Lúcio, bispo, Absalão e Lorgio, mártires.

Na Campânia, a comemoração de oitenta mártires, a quem os lombardos deram cruel morte porque recusaram adorar uma cabeça de cabra e comer a carne oferecida aos ídolos.

Em Roma, São Simplício, papa e confessor.

Na Inglaterra, São Ceadas, bispo dos mércios, cujas esclarecidas virtudes elogiou o venerável Beda.

Missa (oração)

A missa é da dominica precedente, e a oração que corresponde à missa é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nullum respuis, sed quantumvis peccantibus per pœnitentiam pia miseratione placaris; respice propitius ad preces humilitatis nostræ, et illumina corda nostra; ut tua valeamus implere præcepta. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que a nenhum pecador rejeitais, mas, por vossa piedosa misericórdia, vos aplacais com a penitência dos maiores pecadores, dignai-vos ouvir favoravelmente nossas humildes súplicas e iluminai de tal maneira nossos corações com vossa graça que possamos observar vossos divinos preceitos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo aos Hebreus, capítulo 12.

Hebreus 12,4-8

> **Latim:** 4 Nondum enim usque ad sanguinem restitistis, adversus peccatum repugnantes : 5 et obliti estis consolationis, quæ vobis tamquam filiis loquitur, dicens : Fili mi, noli negligere disciplinam Domini : neque fatigeris dum ab eo argueris. 6 Quem enim diligit Dominus, castigat : flagellat autem omnem filium, quem recipit. 7 In disciplina perseverate. Tamquam filiis vobis offert se Deus : quis enim filius, quem non corripit pater ? 8 quod si extra disciplinam estis, cujus participes facti sunt omnes : ergo adulteri, et non filii estis.

Português: [4] Pois ainda não tendes resistido até derramar o sangue, combatendo contra o peccado: [5] e estais esquecidos d'aquella consolação, que vos falla como a filhos, dizendo: Filho meu, não desprezes a correccão do Senhor: nem te desanimes quando por elle és reprehendido. [6] Porque o Senhor castiga ao que ama: e açouta a todo o que recebe por filho. [7] Perseverai firmes na correcção. Deos se vos oferece como a filhos: porque qual he o filho, a quem não corrige seu pai? [8] Mas se estais fora da correcção, da qual todos tem sido feitos participantes: logo sois bastardos, e não filhos legítimos.

Nota

«Nada desejava tanto o apóstolo São Paulo como instruir os judeus convertidos, fazendo-lhes formar um elevado conceito da lei de graça e de sua virtude. Por isso, neste capítulo duodécimo, adianta-se ele mesmo a prevenir a reconvenção que lhe podiam fazer e a queixa que lhes podia sugerir o espírito maligno e também o espírito humano. Se a nova lei (podiam perguntar-lhe) é a única que Deus quer que se observe de agora em diante, por que castiga com tanto rigor a muitos que seguem esta lei? Já fica notado que esta epístola foi escrita em Roma no ano do Senhor de 63.»

Reflexões

São as aflições nesta vida a herança e a legítima dos verdadeiros filhos de Deus. Jesus Cristo, pai dos crentes, tendo em sua mão a escolha, preferiu a cruz a todos os prazeres do mundo. Quis que o chamassem Varão de dores; e é preciso que seus filhos tenham parte nesta herança. O cristão que não tivesse cruz, que não padecesse adversidades na terra, seria como um filho deserdado. Já se sabe que o criado há de andar com a libré de seu amo e que não se toleraria numa casa quem se encaprichasse em servir com libré forasteira. Meu Deus! Reconhecereis vós por criados vossos os que andam com a libré do mundo, os que só seguem suas máximas, os que não têm outro gosto que em seus prazeres?

Fili mi, noli negligere disciplinam Domini: Guarda-te, filho meu, de não fazer caso da correção do Senhor. Por esta luz havemos de olhar as aflições. Aos bois que se destinam ao matadouro deixa-se engordar nas pradarias; mas aos que se quer conservar aplica-se o jugo e o arado, e dá-se-lhes de comer com conta e razão. Olham-se as adversidades como desgraças; murmura-se talvez da Providência; tem-se inveja dos ditosos do mundo. Grande desatino! Isto é queixar-se de ser tratado como filho e não como estranho: *quem enim diligit Dominus, castigat: flagellat autem omnem filium quem recipit*; porque Deus castiga os que merecem seu carinho; e o que logra a dita de ser contado no número de seus filhos tem seguros os açoites. Que faz o pastor com a ovelha que se desmanda? Revolve a funda e dispara-lhe uma pedra; talvez quebra uma perna com o cajado àquela que se resiste a restituir-se ao aprisco; isto não é cólera nem é ódio; é efeito de seu cuidado e vigilância. Ó meu Deus, quão mal entendida está hoje esta verdade em nosso século! Com tudo

isso, é bem certo que tanto resplandece vossa bondade no castigo como se descobre vossa indignação e vossa cólera nas prosperidades dos ímpios. São muito a propósito as adversidades, diz o Profeta, para fazer grandes progressos no caminho da virtude. Afliges-te, gemes, choras tua desdita nesses acidentes desgraçados, nesses funestos reveses de fortuna; e não sabes que nisso mesmo te está tratando Deus como a querido filho seu. Porque és tão grato aos olhos de Deus, dizia o anjo a Tobias [^1], foi preciso que a tentação te provasse. *Oportuit Christum pati, et ita intrare in gloriam suam*: convinha que Cristo padecesse e assim entrasse em sua glória. Pois queixai-vos agora, justos atribulados, se tendes valor para isso. Grande erro é olhar as cruzes como desgraças. Lembrai-vos de que *si extra disciplinam estis cujus participes facti sunt omnes, ergo adulteri et non filii estis*: se não chega a vós a correção de que são participantes todos os demais, logo não sois filhos legítimos, mas espúrios e adulterinos. Que verdade tão cheia de consolo! E à vista dela, quem terá alento para queixar-se das adversidades e dos trabalhos que acreditam a ternura do melhor de todos os pais? Quem não respeitará sua providência e não amará até sua mesma severidade?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,16-21

> **Latim:** 16 Dixit autem similitudinem ad illos, dicens : Hominis cujusdam divitis uberes fructus ager attulit : 17 et cogitabat intra se dicens : Quid faciam, quia non habeo quo congregem fructus meos ? 18 Et dixit : Hoc faciam : destruam horrea mea, et majora faciam : et illuc congregabo omnia quæ nata sunt mihi, et bona mea, 19 et dicam animæ meæ : Anima, habes multa bona posita in annos plurimos : requiesce, comede, bibe, epulare. 20 Dixit autem illi Deus : Stulte, hac nocte animam tuam repetunt a te : quæ autem parasti, cujus erunt ? 21 Sic est qui sibi thesaurizat, et non est in Deum dives.

Português: 16 Sobre o que lhes propoz esta parábola, dizendo: O campo de hum homem rico tinha abundantes frutos: 17 e elle revolvía dentro de si estes pensamentos, dizendo: Que farei, que não tenho aonde recolher os meus frutos? 18 E disse: Farei isto: Derribarei os meus celleiros, e fallos-lei maiores: e nelles recolherei todas as minhas novidades, e os meus bens, 19 e direi á minha alma: Alma minha, tu tens muitos bens em deposito para largos annos: descansa, come, bebe, regala-te. 20 Mas Deos disse a este homem: Nescio, esta noite te virão demandar a tua alma: e as cousas, que tu ajuntaste, para quem serão? 21 Assim he o que enthesoura para si, e não he rico para Deos.

Meditação

Do pouco caso que se deve fazer dos bens deste mundo

Primeiro ponto

Considera que os bens deste mundo, a saber, as honras, os deleites, as diversões, não têm de verdadeiro e sólido mais que os remorsos que causam, os desvelos e as fadigas com que ordinariamente se conseguem. Custam mil suores e amarguras; e, em substância, depois de tantos trabalhos, que é o que se logra? Um título vão, uma sombra sem corpo, um brilho aparente, uma representação fugaz e passageira; mas nada sólido, e até se pode acrescentar que nada real.

Que coisa mais inconstante, qual mais caprichosa que a que se chama fortuna? Essas repentinas prosperidades são à maneira de relâmpagos; apenas alumiam quando se desvanecem. Os pais opulentos, os filhos de porta em porta; quanto disto há! Um acidente imprevisto, um naufrágio basta para engolir de uma vez imensas riquezas. Quantos ricos há que só o são em papéis?

As fortunas circulam: nas vidas dos mais poderosos, dos mais felizes do século há altos e baixos; com esta diferença, que a maior elevação sempre ameaça ruína. O menos exposto é o que está mais escondido.

Busquem-se no mundo flores sem espinhos; e a graça é que as flores só se produzem numa estação; e mesmo então, quão depressa murcham! Mas os espinhos são frutos de todas as estações; e em todas se conservam verdes, em todas penetrantes.

Pode-se contar com as honras, com os respeitos que nos rendem? Mal há um que não seja forçado; é um tributo, é uma gabela que se paga a mais não poder. À primeira enfermidade, ao primeiro perigo de morte, à menor ameaça de desgraça, quantos cortejadores se descartam, quantos lisonjeiros emudecem? Há muito que contar com a amizade ou com o número dos amigos no mundo? Há acaso um amigo verdadeiro?

Os deleites, as diversões mundanas, na maior parte tão amargas e custosas, todas tão vãs, tão breves e extravagantes; estas diversões, digo, serão fundo seguro sobre o qual possamos contar? Serão fundo de tranquilidade e de alegria? Serão fundo de satisfação e de complacência? Consultemos os que mais o experimentaram. Nenhuma coisa, diz Salomão, neguei a meu coração e a meus sentidos; mas nem por isso fui feliz, antes por isso mesmo me constituí mais digno de compaixão. Prazeres, honras, bens aparentes desta vida, em suma, não sois mais que um abismo sem fundo de cuidados e de inquietações, um manancial inesgotável de amarguras e arrependimentos. Vaidade de vaidades, diz o Sábio; nesses que se chamam bens da terra não encontrei mais que misérias, aflição de espírito e vaidade. Meu Deus, todos pensamos o mesmo; pois por que não confessaremos o próprio?

Segundo ponto

Considera que, ainda quando os imaginados bens deste mundo fossem menos frívolos, menos superficiais, sua instabilidade, sua pouca duração bastaria para torná-los desprezíveis. Sua, afana-se, consome-se o ambicioso por fazer fortuna; e chega a morte quando ia recolher o fruto de seus suores.

Que importa tenhas bens para gozar muitos anos, se te faltam anos para gozar desses bens? Este levanta um palácio, aquele compra ou negocia um honorífico emprego; e entretanto vem a morte e dá em terra com todos esses projetos.

Quantos foram habitar na sepultura antes de viver na casa que acabavam de edificar? Quantos herdaram as enfermidades com os morgadios? E quantos saíram da família quando entravam nela os empregos?

As maiores prosperidades da terra são semelhantes às grandes bonanças do mar, presságios seguros de uma tempestade desfeita. Toma embora tuas medidas com o maior acerto, consegue poderosos protetores, aplica os meios mais eficazes e até mais seguros; nossas miras são sempre muito curtas, nossa política defeituosa; todas as nossas previsões, ao cabo, só servem para fazer-nos tocar melhor o frívolo dos bens desta vida, sua caducidade, sua inconstância e o pouco que devemos contar com eles. Fizeram porventura jamais feliz a um homem as prosperidades mais dilatadas, salvo que se valesse delas como matéria de sacrifício? E acompanhem-nos embora até a morte, de que nos servirão um instante depois que se acabou a vida? Os bens e as prosperidades desta vida só são prosperidades e bens para aqueles que os desprezam por amor do Senhor.

Meu Deus, que erro, que loucura mais deplorável que a de constituir a felicidade na opulência, na abundância de bens! Que alegria tão néscia a daqueles que não cabem em si de gozo porque se veem precisados a alargar seus celeiros, porque não têm peças bastantes para recolher a colheita! Quantos mentecaptos dizem a si mesmos aquilo do rico avarento: Ea, alma minha, tens bens em abundância, goza deles com sossego, regala-te e diverte-te; aos quais diz Deus: Néscio, insensato, dentro de um ano, dentro de seis meses, amanhã, esta mesma noite se te há de pedir que devolvas tua alma, e de quem serão depois todas essas imensas riquezas que tens amontoado? Ah, Deus meu, e que bem soube aproveitar-se desta utilíssima lição o santo papa cuja festa celebramos hoje! E que bem se aproveitaram dela todos os demais santos! Mas que fruto tirarei eu de lição tão importante?

Um muito grande, Senhor, com o auxílio de vossa divina graça. Desenganado mais que nunca dessas vãs ideias de felicidade, desses bens aparentes que enganam, dessas falsos brilhos que deslumbram, não quero já apreciar senão os bens celestiais; nenhuma fortuna terá já atrativo para mim senão a da eternidade.

Jaculatórias

> *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas: quid habet amplius homo de universo labore suo?* Ecl 1.

Sim, meu Deus, vaidade de vaidades é quanto se registra no mundo; tudo é vaidade, e nenhum outro fruto tira o homem de seus trabalhos.

> *Ecce homo qui non posuit Deum adjutorem suum; sed speravit in multitudinem divitiarum suarum.* Sl 51.

Olha em que parou aquele rico, aquele homem feliz à maneira do século, que, desprezando a proteção do Senhor, pôs unicamente toda a sua confiança em suas riquezas.

Propósitos

1. É assombro que, depois de haver palpado a vaidade e a inconstância dos bens deste mundo, todavia não se deixe de contar com tão débeis apoios. Que estimação não se faz do favor dos grandes, do número e do poder dos amigos, das grandes riquezas! O esplendor, o mérito e a mesma felicidade da terra mal se funda em outra coisa. E, contudo, que coisa mais caduca, mais inconstante que o favor dos príncipes e dos senhores! Ele está dependente do humor, da paixão, do capricho e de outros cem molas ainda mais débeis e mais extravagantes. Que coisa menos verdadeira, qual menos segura que a amizade dos homens! Reduz-se a um comércio de interesse, em que o amor-próprio tira sempre a ganhar algo. Que coisa menos sólida, nem que menos satisfaça ao coração, que as riquezas que se nos escapam por sua mesma fragilidade, que nos são inúteis na maior necessidade e passam a outras mãos ainda antes que possam gozar-se! Ai daquele que nelas confia! É bem digno de compaixão o que não tem outro mérito que o de seu dinheiro. Examina-te com cuidado sobre todos estes pontos e observa a salutar prática de não te lembrares jamais dessa rica herança, desses preciosos móveis, desses grandes bens que possuis sem que ao mesmo tempo reflitas sobre sua inconstância e sua insuficiência. Quando entrares nessa sala, nesse gabinete tão ricamente mobiliados, lembra-te de que antes de oitenta anos os há de possuir outro dono. Se lograres o favor do príncipe, se estás em posto elevado, se ocupas emprego distinto, considera que lugar ocuparás entre os mortos e qual será teu sítio no sepulcro. Estas são aquelas indústrias espirituais, muito próprias todas para desprender o coração dos falsos bens do mundo, que servem de antídoto contra o universal contágio do século.

2. Quem segue a Cristo deve renunciar a todas as coisas. *Qui non renuntiat omnibus quæ possidet, non potest meus esse discipulus*: quem não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo; assim o diz o mesmo Salvador. A proposição é universal, fala com todos. Se a renúncia não for efetiva, ao menos há de estar verdadeiramente no coração. Este é um preceito formal de Jesus Cristo de que não fazem caso a maior parte dos cristãos. Ainda seria inútil haver-se

despojado efetivamente de tudo se ficasse pegado o coração a alguma coisa. Não desprezes por mais tempo a observância de um preceito tão positivo; e para isso executa o seguinte. Primeiro: logo que te suceda alguma prosperidade temporal, um ganho notável, uma herança, não te contentes com render graças a Deus por ela, nem com fazer esmolas vultosas aos pobres, porque esta é uma espécie de tributo que deves àquele Senhor em quem reside o supremo domínio de tudo o que possuis; mas, prostrado a seus pés, hás de protestar-lhe, por uma curta mas fervorosa oração, que não queres ter o menor apego a bem algum da terra e que desde logo renuncias a todo pensamento e até a todo movimento de cobiça.

«Conheço, Senhor, conheço muito bem a vaidade e o nada destes bens caducos e perecíveis; e não hei de pôr neles um coração que só foi criado para possuir-vos a vós. Dou-vos mil graças pelos que me haveis concedido; mas somente os recebo como um empréstimo ou como um depósito que tenho obrigação de restituir-vos. Renuncio a todo apego e a toda inclinação menos cristã; e assim como todo o meu tesouro o tenho só no céu, assim só no céu tenho colocado meu coração.»

Segundo: todas as manhãs acabarás o oferecimento de obras com estas palavras do santo Jó, tão próprias para desprender o coração dos bens deste mundo [^2]: *Nudus egressus sum de utero matris meæ, et nudus revertar illuc*: nu saí do ventre de minha mãe, nu voltarei a ele. Alguns fazem todos os dias esta oração de Salomão: *Mendicitatem, et divitias ne dederis mihi: tribue tantum victui meo necessaria* [^3]: Rogo-te, Senhor, que igualmente me desvies da abundância e da miséria e que somente me concedas o necessário para viver. Enfim, nunca esqueças o que diz o Profeta: *Divitiæ si affluant, nolite cor apponere* [^4]: Se possuis muitas riquezas, guarda-te bem de ter o coração pegado a elas.

[^1]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) A passagem corresponde a Tb 12,13. [^2]: Jó 1. [^3]: Pr 30. [^4]: Sl 61.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:33 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:33 by Admin